PAISAGEM LINGUÍSTICA NOS CENÁRIOS DE TRANSPORTE E TRÂNSITO EM FOZ DO IGUAÇU (PR): ONDE ESTÃO AS LÍNGUAS?

LINGUISTIC LANDSCAPE IN TRANSPORTATION AND TRAFFIC SETTINGS IN FOZ DO IGUAÇU (PR): WHERE ARE THE LANGUAGES?

Recebido: 31/03/2026 Aprovado: 09/06/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4522

Angie Melissa Gamboa Yaruro[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0000-6530-7933

Franciele Maria Martiny[2]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-7613-2673

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as línguas presentes na paisagem linguística dos cenários de transporte e trânsito do município de Foz do Iguaçu, no Paraná, localizado na região sul do Brasil, na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai. A fundamentação teórica insere-se no campo da Linguística Aplicada, com abordagem transdisciplinar e diálogo com os estudos sobre políticas linguísticas. A pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória, fundamentada em registros fotográficos. Em razão de sua localização geográfica, Foz do Iguaçu recebe diariamente turistas de diferentes partes do mundo e abriga uma expressiva população migrante, cujas línguas podem ou não

[1] Bacharel em Administração de Empresas pela Fundación Universitaria del Área Andina (2021) e Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2023). Possui mestrado em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2026). Na Colômbia, no ano 2017, colaborou na criação e desenvolvimento do clube de leitura intitulado "Café literário" na instituição Serviço Nacional de Aprendizaje SENA, fazendo atividades dentro da comunidade acadêmica com crianças de 7 a 12 anos dos bairros mais afastados e levando leituras aos idosos do asilo da cidade. Focou seus estudos de pesquisa para obter o título de administradora, nas dificuldades apresentadas na área de talento humano nas pequenas e médias empresas da cidade La Dorada (Colômbia). No Brasil, no ano 2022, realizou trabalhos de tradução e trabalhos atorais nas curtas-metragens "Flores para mi madre" (2021), "O corpo que habito" (2022) e "Nossa língua" (2022); desenvolvidos por estudantes do curso de cinema da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Desenvolveu estudos de pesquisa na área das políticas linguísticas e da paisagem linguística, para a obtenção do título de mediadora cultural, e atualmente estuda sobre a memória e a violência na literatura caribenha. Temas de interesse: administração de empresas, relações nacionais e internacionais, talento humano, diversidade sociolinguística e cultural, tradução, oralidade nos jovens, literatura e história, políticas linguísticas, paisagem linguística, literatura caribenha, memória e violência. E-mail: amg.yaruro.2019@aluno.unila.edu.br

[2] Possui graduação em Jornalismo pela União Educacional de Cascavel (2005). Especialista em Assessoria de Imprensa e Comunicação Empresarial pela União Educacional de Cascavel (2008). Especialista em Letras: Linguagem, Literatura e Ensino pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2009) e formada em Letras Português/Alemão pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2011). Mestre pelo Programa Strictu Sensu "Linguagem e Sociedade" da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, turma 2009/2011, como bolsista da Demanda Social/CAPES. Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2012-2015). Docente da área de Letras e Linguística da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) desde 2015, docente do curso de Especialização em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais (EAALA) desde 2017 e docente permanente do Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) desde 2024. Foi coordenadora do Posto Aplicador do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Exame Celpe-Bras) do Posto Aplicador da Unila (2020-2022) e vice-coordenadora do EAALA da Unila (2021-2022). Pós-doutotado (2024) no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPG-LA/UNICAMP), sob supervisão de Ana Cecília Cossi Bizon. Atualmente (2024-2026). E-mail: franciele.martiny@unila.edu.br

estar representadas na paisagem linguística local. Os resultados indicam que, nos espaços analisados sob a perspectiva das políticas linguísticas *top-down*, há predominância do português, além da presença do inglês e do espanhol. O inglês aparece associado a maior prestígio e a funções informativas voltadas ao turismo, enquanto o espanhol se destaca em contextos de circulação local e transfronteiriça, em decorrência da proximidade geográfica com os países vizinhos.

Palavras-chave: Foz do Iguaçu; paisagem linguística; transporte e trânsito; multilinguismo.

Abstract: This article aims to analyze the languages present in the linguistic landscape of transportation and traffic settings in the municipality of Foz do Iguaçu, in the state of Paraná, southern Brazil, located in the triple border area between Argentina, Brazil, and Paraguay. The theoretical framework is grounded in Applied Linguistics, adopting a transdisciplinary perspective and engaging in dialogue with studies on language policies. The research follows a qualitative and exploratory approach, based on photographic records. Due to its geographical location, Foz do Iguaçu receives tourists from different parts of the world on a daily basis and hosts a significant population of national and international migrants, whose languages may or may not be reflected in the local linguistic landscape. The findings indicate that, in the spaces analyzed from a top-down (official) language policy perspective, Portuguese predominates, alongside the presence of English and Spanish. English is associated with higher prestige and informational functions aimed primarily at tourism, while Spanish is more prominent in contexts of local and cross-border circulation, reflecting the city's geographical proximity to neighboring countries.

Keywords: Foz do Iguaçu; linguistic landscape; transportation and traffic; multilingualism.

Introdução

Embora não seja um cenário novo, cada vez mais tem se notado a presença de diferentes línguas/culturas na sociedade brasileira, principalmente devido às mudanças aceleradas advindas da intensificação dos processos de globalização, do avanço tecnológico e do aumento considerável dos fluxos migratórios internacionais, como no caso das migrações forçadas[3]. Foz do Iguaçu, cidade fronteiriça com mais dois países (Paraguai/Argentina), é um exemplo desse ambiente que apresenta grande diversidade linguística e cultural, pelo constante trânsito de pessoas, como moradores transfronteiriços, turistas e/ou migrantes internacionais que vêm aumentando a cada ano. Entre os fatores que incentivam essa forte movimentação na localidade estão as oportunidades de trabalho e estudo, a sua própria localização geográfica e, além disso, os atrativos turísticos naturais e de compras.

Observa-se que parte dessa diversidade sociolinguística do município se materializa no espaço público por meio de sinais de trânsito, *outdoors* e placas de estabelecimentos comerciais, entre outros suportes semióticos. No entanto, essa visibilidade é seletiva e não corresponde, necessariamente, à totalidade das línguas

[3] Migração forçada tem sido atribuída mais frequentemente a pessoas cujo deslocamento se dá em função de situações relativas a seus direitos econômicos, sociais ou culturais ou, ainda, questões ambientais.

e culturas que coexistem no território, evidenciando relações de poder, hierarquias linguísticas e processos de apagamento simbólico, frequentemente dissociados da imagem multicultural amplamente veiculada pelos discursos midiáticos, como o "Destino do Mundo".

Isso ocorre porque, oficialmente, não há um mapeamento linguístico completo das línguas, assim como não há equilíbrio entre seus usos e os papéis que desempenham no território, havendo, em geral, uma hegemonia linguística liderada pela língua majoritária do país[4] por meio das políticas linguísticas *top-down*[5] já que a sinalização urbana, geralmente, é determinada por órgãos públicos.

Diante desse contexto, esta pesquisa, fundamentada na Linguística Aplicada de caráter transdisciplinar e em interlocução com as políticas linguísticas, configura-se como qualitativa e exploratória, com orientação etnográfica, uma vez que se baseia na vivência prolongada nesses espaços ao longo de vários anos. O objetivo geral consiste em identificar as línguas presentes na paisagem linguística de Foz do Iguaçu e analisar discursivamente a relação entre o *status* dessas línguas, as políticas linguísticas e o espaço sociocultural que ocupam. Inserido em um cenário multilíngue, o estudo baseia-se no registro fotográfico de elementos da paisagem linguística relacionados ao transporte e ao trânsito, realizados na região central do município e em áreas próximas às fronteiras internacionais. A análise considerou critérios como função da sinalização, línguas presentes, hierarquia visual e localização espacial, identificando, por exemplo: posição da(s) língua(s) na placa, tamanho da fonte, função comunicativa e público-alvo presumido.

Acredita-se que a paisagem linguística pode revelar, nesse sentido, mais sobre o multilinguismo da cidade, se é ressaltado ou não, pelo menos ao que é identificado por sua presença visual. Assim, é possível depreender ações políticas, uma vez que as escolhas linguísticas dos gestores evidenciam que o espaço não é neutro, visto que todo uso da linguagem é ideológico.

A paisagem linguística como ação política

[4] Pela língua oficial do Brasil ser o português, há, ainda, muito presente na sociedade brasileira o mito de que esta é a única falada no país, embora existam cerca de 330 línguas, cerca de 274 indígenas (Morello, 2015) e 56 de imigração (Altenhofen, 2013), além de línguas crioulas, afro-brasileiras e Sinais, de misturas linguísticas e hibridizações.

[5] Políticas de cima para baixo, ou seja, oficiais e visíveis em textos regulados por autoridades públicas.

Esta investigação possui como aporte teórico-metodológico o campo das políticas linguísticas, por meio do qual são tomadas decisões sobre as situações relacionadas às línguas e o seu desenvolvimento em uma determinada sociedade, com o objetivo de mudar/melhorar o curso dessas situações.

Trata-se de uma área relativamente recente, surgida em meados do século XX, apesar de que, ao longo da história, sempre foram feitas alterações nas situações linguísticas das comunidades, a fim de legalizar e ditar, por exemplo, normas linguísticas através, principalmente, dos poderes políticos que privilegiaram certas línguas, impondo-as como símbolos nacionais, ao mesmo tempo, silenciando[6] as demais línguas presentes no território (Calvet, 2007). Nesse sentido, as políticas linguísticas são mais uma arte do que uma ciência, porque não é regida por certas regras, não é um campo em que há certezas absolutas, é um campo datado e contextualizado, relativo à sua data e contexto específico, que atua de acordo com os recursos, conhecimentos e problematizações do momento (Rajagopalan, 2013).

Ademais, as políticas linguísticas não se restringem à esfera estatal ou institucional, podendo ser também produzidas e implementadas no âmbito comunitário e familiar. Nesse sentido, práticas como a atribuição de funções distintas às línguas — uma voltada às interações pessoais e familiares e outra destinada à comunicação com atores externos ou à realização de procedimentos formais — configuram formas de gestão linguística no cotidiano. Do mesmo modo, nem todas as políticas linguísticas têm como finalidade a salvaguarda ou a promoção das línguas: a história registra, de maneira recorrente, sua instrumentalização como mecanismos de controle, hierarquização e silenciamento linguístico.

A paisagem linguística surge nesse cenário mais amplo da política linguística, mais precisamente do planejamento linguístico[7] e é entendida como a linguagem de placas de trânsito, *outdoors*, placas institucionais, intervenções artísticas em paredes, placas de estabelecimentos comerciais, nomes de ruas, topônimos e outras

[6] As línguas minorizadas abordam as minorias linguísticas em relação a uma posição hegemônica específica. Portanto, nesses casos, ser minoria não é uma questão numérica, mas sim porque é uma linguagem que está à margem das estruturas de poder (Lagares, 2018).

[7] Embora haja um grande debate sobre a definição de política e planejamento linguístico, para Calvet (2007), esses dois conceitos estão intrinsecamente ligados e mutuamente constituídos, portanto, não devem ser vistos como processos independentes, uma vez que a política linguística determina as decisões sobre as línguas da sociedade, enquanto o planejamento linguístico alude à implementação dessas políticas linguísticas.

representações escritas visíveis em espaços públicos e privados (Landry, Bourhis, 1997; Cenoz e Gorter, 2008).

Dessa forma, é considerado um campo de estudo pelo qual se pode compreender um pouco mais sobre o desenvolvimento da diversidade linguística/cultural de um território, a demarcação de espaços socioculturais, os efeitos das políticas linguísticas, a educação pluri/multilíngue da sociedade, os estudos das relações econômicas no cenário linguístico e o poder/*status* das línguas que circulam no ambiente (Gonçalves, 2021). Em outras palavras, o uso (ou não uso) de diferentes línguas no cenário linguístico também reflete o poder, o *status* e a economia de diferentes grupos linguísticos (Cenoz e Gorter, 2008).

A primeira pesquisa sobre a paisagem linguística foi realizada por Rosenbaum em 1977, seu objetivo era analisar as placas de sinalização e entrevistar os moradores da Rua Karen Kayemet, em Jerusalém, para identificar se havia alguma difusão da língua inglesa por meio das placas encontradas (Gonçalves, 2021). Naquele estudo não foi definido o conceito como tal, o termo só aparecerá 20 anos depois, no artigo “Paisagem linguística e vitalidade etnolinguística: Um estudo empírico”, de Landry e Bourhis publicado em 1997. Trata-se de uma área, portanto, recente de estudos, sendo que os cenários fronteiriços brasileiros, em geral, são os que mais têm atraído atenção, pois são os espaços em que a circulação de diversas línguas é mais evidente.

Considera-se que a paisagem linguística pode ser interpretada como um indicador das dinâmicas sociolinguísticas, uma vez que, nas línguas inscritas ao seu redor, é possível observar as diferentes mudanças que estão acontecendo nesses locais, a posição ideológica e a resistência das pessoas, as variedades linguísticas que estão começando a abrir caminho que, por não cumprirem essa essência da língua "pura", não podem estar presentes em outras áreas mais formais. Ademais, pode-se revelar o papel/posição que tanto a comunidade quanto às entidades governamentais tem em relação a determinados idiomas, podendo servir como um local de protesto e negociação.

De acordo com Berger (2022), a pluralidade de línguas pode ser tratada como “[..] uma demonstração concreta da diversidade de grupos que habitam o território ou região específica, bem como pode ser refletida no poder e prestígio de algumas línguas (ou comunidades de fala) em relação a outras" (p. 129-130).

Da mesma maneira, a paisagem linguística funciona como um marcador do poder e do *status* das línguas que circulam em uma comunidade, assumindo uma importante função informativa e simbólica (Landry; Bourhis, 1997). No caso de espaços públicos, estes "[..] são lugares demonstrativos, onde se afirmam valores, comportamentos, direitos e conformam atitudes". (Gomes, 2013, p. 247). Nesse sentido, o que se tem muito presente é a língua hegemônica do país, reforçando seu *status* linguístico e, por conseguinte, o apagamento de outros falares presentes no espaço, mas que se tornam invisibilizados. Ou seja, a paisagem linguística, como uma construção social, pode revelar quais línguas são valorizadas, invisibilizadas ou estigmatizadas.

Shohamy (2006) destaca que a linguagem pode ser utilizada como um mecanismo para afetar, manipular e impor práticas linguísticas, portanto, deve ser entendida como um dos principais mecanismos que afetam as políticas linguísticas e uma ferramenta para influenciar e criar realidades linguísticas. Destarte, a análise dessas políticas linguísticas permite identificar a preferência que os entes governamentais e a comunidade em geral têm por determinadas línguas específicas e não por outras, e compreender melhor a dinâmica do *status* de poder entre elas, como ocorreu neste estudo.

Multilinguismo em Foz do Iguaçu

Localizada no extremo oeste do estado do Paraná, na região sul do Brasil e na tríplice fronteira (Argentina-Paraguai-Brasil), Foz do Iguaçu, possui uma população estimada de 295.500 pessoas (IBGE, 2024) e uma extensão territorial de 609.192 km² (IBGE, 2022)[8]. É um dos destinos turísticos mais importantes do país[9] e, como já citado, um cenário de concentração e de trânsito de muitas línguas/culturas.

Segundo o Sistema Nacional de Registro Migratório (Sismigra), entre janeiro de 2000 e 2020, 13.976 migrantes internacionais obtiveram o Registro Nacional Migratório e passaram a residir no município iguaçuense (Migracidades, 2020). Ademais, entre abril de 2018 e agosto de 2020, o município acolheu aproximadamente

[8] Dados disponíveis em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/foz-do-iguacu.html. Acesso em: 30 jul. 2025.

[9] Entre seus pontos turísticos estão: as Cataratas do Iguaçu, uma das Sete Maravilhas Naturais do Mundo; Itaipu, a maior barragem do Hemisfério Ocidental e a segunda maior do mundo; o Marco das Três Fronteiras, ponto de encontro dos três países; o Parque das Aves; a Giant Yup Star Wheel; o Templo Budista e a Mesquita Árabe.

321 venezuelanos por meio do programa federal de interiorização Operação Acolhida (Migracidades, 2020). Em solo parananense, uma recente compilação de dados do Sismigra, disponibilizada em abril de 2025, apresenta um panorama detalhado da população migrante residente no estado até o primeiro semestre de 2024[10]. Segundo essas informações, o estado registrava, nesse período, 175.902 migrantes, considerando as solicitações e emissões do Registro Nacional Migratório realizadas pela Polícia Federal. Curitiba é a cidade com maior concentração dessa população, seguida por Foz do Iguaçu, que é um município, em termos territoriais e populacionais, bem menor do que a capital.

Em publicação recente, o Instituto Yglota (Mendonça, 2024) mostra que o município possui 95 nacionalidades e 29 etnias, sendo os 7 países com maior representação: Paraguai, Venezuela, Argentina, Líbano, Colômbia, Peru e Haiti. Além disso, a cidade é a segunda comunidade árabe do Brasil com 15 mil pessoas e, em torno de 24 países, possuem apenas um representante. Porém, apesar destes dados que refletem a diversidade de povos ali presentes, não se pode falar de "harmonização" quando pouca informação é oferecida sobre eles, por exemplo, sobre as comunidades indígenas presentes e suas línguas[11]. O IBGE cita apenas o número geral, 473, sem distinguir as etnias ou localização dessas comunidades (2022)[12].

Sabe-se que os imigrantes ocuparam a região em período anterior à presença brasileira, e sua atuação foi determinante para o desenvolvimento econômico e cultural que ainda hoje caracteriza a cidade. Antes da delimitação territorial da área correspondente ao atual município de Foz do Iguaçu, estabelecida pelo Tratado de Madri, em 1750, tratava-se de uma "[...] região de grande mobilidade por onde transitavam espanhóis, etnias indígenas, paraguaios, argentinos e, desde o final da década de 1880, também brasileiros" (Silva, 2014, p. 20). Além disso, a língua que teve maior presença foi o espanhol e a maioria da população descendia de paraguaios. Anos depois, a presença de imigrantes começou a ter maior relevância,

[10] Disponível em: https://site.mppr.mp.br/direito/Noticia/Dados-do-SisMigra-indica-176-mil-migrantes-residentes-no-Parana. Acesso em: 19 dez. 2025.

[11] Uma investigação de Oliveira (2022) revelou que a presença Guarani na cidade era bastante forte e concentrada na região de Três Lagoas, terra demarcada em 1913 pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mas, em 1976, órgãos públicos federais, com ajuda militar, retiraram os indígenas dessas terras e eliminaram a memória dessa presença. Como compensação, eles distribuíram os indígenas sobreviventes entre as aldeias de Puerto Iguazú e Ciudad del Este, e o que antes era uma grande região guarani agora é apenas um cemitério indígena. No entanto, revisando os resultados do Processo Seletivo dos Povos Indígenas (PSIN) da Unila, correspondentes aos últimos quatro anos, há uma presença de 39 povos indígenas na cidade, sendo o povo Tikuna o que tem maior presença.

[12] Dados disponíveis em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9718#notas-tabela. Acesso em: 30 jul. 2025.

com a chegada de europeus, asiáticos e orientais, além de pessoas de vários países latino-americanos e africanos.

Entretanto, o fato de Foz do Iguaçu ser um espaço multilíngue, como está sendo observado, não significa que ele também seja plurilíngue, como em muitos casos é veiculado na mídia. Oliveira (2016) afirma que há uma grande distinção entre esses dois termos, o multilinguismo é um termo descritivo, que se refere à presença de vários idiomas em um determinado espaço, enquanto o plurilinguismo se refere à valorização positiva desse multilinguismo e seu uso como recurso efetivo para a vida das pessoas. instituições e para o país.

Portanto, assim como a circulação das línguas pode se refletir na paisagem linguística, também é evidente que não lhes é dada a mesma importância/valor a todas elas, criando um *status* de poder entre elas e funções diferentes para cada uma. Como diz Berger (2022), em ambientes sociolinguísticos multilíngues e complexos, como este focalizado, o espaço de interação e contato que as diversas línguas agregam é sempre permeado por valores econômicos, sociais, culturais e educacionais, sendo que o espaço público é uma área de atenção relativamente nova dentro da área de política linguística (Shohamy, 2006).

Sendo assim, o estudo da paisagem linguística permite analisar as línguas presentes em um território e mapeá-las, de fato, segundo vários linguistas, esse conceito surge devido à necessidade de demarcar os espaços linguísticos e sua fronteira, por meio de uma regulamentação para a sinalização utilizada pelo poder público e pela comunidade em geral (Gonçalves, 2021). Consequentemente, considerando que os espaços públicos são arenas sociais e que nelas se refletem as dinâmicas sociais da fronteira, as transformações/mudanças da sociedade deixam marcas na paisagem linguística da cidade e na importância de compreender a coexistência dessas línguas, bem como as ações que são implementadas para promovê-las.

A presença (ou ausência) das línguas no cenário investigado

Como já mencionado, o campo da paisagem linguística apresenta a possibilidade de compreender um pouco mais o multilinguismo urbano, não como um todo, mas como ilustração da diversidade linguística presente (ou ausente) no espaço estudado (Clemente, 2013). Diante disso, os cenários focalizados, neste estudo, são

pertencentes aos setores de transporte e trânsito, dispostos no Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, no Terminal de Transporte Urbano (UTT), nos ônibus urbanos, no Terminal Rodoviário Intermunicipal/Internacional e nas placas de localização e sinalização encontradas em diversas vias e avenidas.

Antes de analisar as placas encontradas, é importante entender a função designada para cada cor delas, sendo assim: as placas verdes servem para indicação, mostram saídas para outras cidades, distâncias, entre outros aspectos de sinalização; as azuis têm a função de indicar os serviços oferecidos no entorno; as cinzas claros têm a função de educar, ou seja, indicam quando acender as luzes dos veículos, usar os freios, onde é possível parar para verificar os freios, entre outros; já as marrons têm a função de indicar locais turísticos (Foztrans[13]).

De acordo com o exposto, seguem os registros de placas de trânsito e sinalização:

Foto 1 – Placa de Localização TTU



Foto 2 – Placa Av. Tancredo Neves



[13] O Instituto de Transportes e Trânsito de Foz do Iguaçu é uma autarquia do município que tem como meta planejar, organizar, dirigir, coordenar e delegar a prestação de serviços públicos relativos ao transporte coletivo e individual de e passageiros, tráfego, trânsito e sistema viário, observado o planejamento urbano municipal.

Foto 3 – Placa de Informação Alfandegária



Foto 4 – Serviços de placa informativa



Fonte: Dados das pesquisadoras (2024).

Na Foto 1, tirada na Avenida Juscelino Kubitschek, perto da Vila Portes (bairro que faz fronteira com Paraguai), na Foto 2, tirada na Avenida Tancredo Neves, perto do bairro Porto Belo (região perto da Usina Hidrelétrica da Itaipu) e na Foto 4, tirada na Avenida Paraná, no semáforo do Shopping JL (centro da cidade), pode-se observar que são placas bilíngues em português/inglês, enquanto a placa registrada na Foto 3, tirada na Alfândega Brasileira localizada no bairro Vila Portes, está em espanhol/inglês. Verifica-se que o uso do inglês é predominante nestes espaços, sendo utilizado para indicar locais turísticos e/ou importantes da cidade, como o Parque Nacional das Cataratas do Iguaçu, a Subestação Elétrica, o aeroporto internacional, o Templo Budista e a Universidade Pública Estadual, bem como o Centro de Convenções, lugar em que se realizam eventos. O espaço geográfico em que as referidas placas estão localizadas influencia muito a presença e a escolha dos idiomas, com destaque para a língua inglesa, a única língua estrangeira disposta nas sinalizaçãoes logo após a língua oficial nacional que aparece em letras maiúsculas.

Por outro lado, na foto 3, o português desaparece quase completamente e dá lugar ao espanhol, principalmente por estar localizado na fronteira com um país hispano (Paraguai) e sua função é informar ao visitante/estrangeiro que ele deve registrar a sua saída, por isso já marca a frase de atenção, logo após a escrita “Departamento de Polícia Federal”. Portanto, por se tratar voltado para a população ‘externa’, em um espaço em que essa população pode estar concentrada, num movimento de ida e vinda, o Estado considera relevante que as informações sejam apresentadas em inglês e espanhol. Quanto à estrutura de emprego, mantém-se a

mesma que tem sido observada, apesar de o português já não estar tão presente, o inglês tem uma posição de ocupação superior à do espanhol.

Desse modo, observa-se que, quando a função da placa é informar a população em geral sbre atrativos e passeios (Fotos 1, 2 e 4), o espanhol é excluído para dar lugar à língua oficial do país (em destaque) e à língua considerada da globalização/comunicação. Conforme já mencionado no levantamento histórico das políticas linguísticas brasileiras, fica claro que o idioma pelo qual o Estado tem maior interesse é o inglês. De fato, as ações implementadas para a promoção/valorização do espanhol são realizadas em poucas oportunidades pela comunidade ou instituições, uma vez que o governo não tem dedicado esforços/atenção a esse idioma, como por exemplo, incluir tal idioma na grade do currículo das escolas municipais[14].

Além disso, essas placas são feitas por instituições oficiais públicas, que atuam com base no que o Estado indica e, como na cidade em questão, nenhum outro idioma é estipulado como co-oficial, a língua considerada mais "importante" para um local turístico como este, segundo entidades governamentais, seria o inglês. Retomando Cenoz e Gorter (2008), os autores evidenciam que a língua inglesa ainda é associada a valores como orientação internacional, projeção profissional futura, sofisticação e entretenimento, o que implica em uma atitude positiva em relação ao seu uso.

No caso da Foto 1, na seção verde está escrito "Centro/Downtown", uma visualização linguística que está presente em quase todas as placas de localização da cidade, independentemente de onde estejam localizadas. Quando se deseja indicar onde fica o centro, ele é sempre apresentado dessa forma, em ambos os idiomas, ou seja, o inglês está presente nas placas de orientação espacial e placas de trânsito, mesmo que seu espaço geográfico não o exija. Esse fator pode estar relacionado ao fato de o centro ser o local mais visitado por moradores e turistas, pois é um espaço onde se localizam comércio, restaurantes, hotéis, serviços bancários, livrarias, papelarias e outros locais que oferecem serviços/produtos básicos, ou seja, relaciona-se a questão econômica.

Na sequência, mostram-se espaços mais fechados, correspondentes ao Terminal de Transporte Urbano (TTU) e ao Terminal Rodoviário:

[14] Em 2023, o prefeito Chico Brasileiro sanciounou a Lei nº 5.215 e tornou obrigatório o ensino de inglês e espanhol nas escolas da rede municipal de ensino, porém essa lei não tem sido implementada por todas as escolas com efetividade.

Foto 5 – Placa de proibição TTU



Foto 6 – Placa informativa da Rodoviária



Fonte: Dados das pesquisadoras (2024).

Nestas duas fotos, 5 e 6, o espanhol tem uma posição mais relevante do que nas fotos analisadas anteriormente. Na foto 5, placa de proibição trilíngue (português/espanhol/inglês) localizada na entrada da TTU, o espanhol ocupa uma posição mais acima e relação ao inglês, pois, embora não haja diferenciação de tamanho e cor da escrita nas três línguas, o espanhol está localizado logo após o português. Já na Foto 6, placa informativa bilíngue, localizada na entrada dos ônibus do Terminal Rodoviário Intermunicipal/Intenacional, o inglês está ausente e, embora o espanhol esteja representado, a placa deixa bem clara a posição que tem em relação ao português, ao apresentar os escritos neste idioma "Acesso plataforma ônibus autorizados" e "Motorista, acione ou interfone", em fonte muito maior do que a da escrita espanhola.

A respeito da ausência do inglês, é importante esclarecer que esta informação, devido ao seu conteúdo e localização, não é dirigida à população em geral e turística, mas sim aos motoristas dos ônibus que chegam ao terminal e que, levando em consideração que o terminal é internacional, ou seja, chegam e partem ônibus para Argentina e Paraguai, podem ser trabalhadores brasileiros, paraguaios e argentinos, ou seja, falantes, geralmente, de português e espanhol. Portanto, o inglês não desempenha um papel relevante nesta placa informativa, pois, caso estivesse presente, seria apenas uma forma de limitar o espaço na placa, para um idioma que neste contexto não se mostra tão importante. Essa distribuição desigual das línguas nos espaços públicos revela indícios da presença de distintas comunidades linguísticas, bem como de suas hierarquias e estatutos, de suas inserções

socioeconômicas no tecido social, de suas vozes e, de modo paradoxal, também de seus silêncios ou processos de silenciamento.

Na sequência serão mostradas as fotos correspondentes aos ônibus urbanos e ao aeroporto:

Foto 7 – Instruções de emergência para ônibus urbanos



Foto 8 – Saída de emergência do aeroporto



Fonte: Dados das pesquisadoras (2024).

Nessas duas fotos, 7 e 8, as línguas assumem uma nova função, informar sobre medidas emergenciais. Essa função não estava presente no cenário linguístico anterior das primeiras fotos, uma vez que, nos centros turísticos estudados, essa informação era encontrada apenas em português.

Com base nas observações realizadas durante o trabalho de campo e nas vivências pessoais, é possível inferir que, de modo geral, para que um estabelecimento obtenha autorização para iniciar suas atividades, é necessário cumprir um plano de emergência no qual seja instituída uma brigada de emergência. Assim, nos centros turísticos, por se tratarem, em sua maioria, de espaços mais fechados, com exceção do Parque das Aves e das Cataratas do Iguaçu, que são ambientes abertos e naturais, cabe à brigada de emergência atuar no enfrentamento inicial dessas situações até a chegada das autoridades competentes.

A situação relatada muda completamente quando se trata de um aeroporto, um espaço no qual transitam pessoas de muitos países e que, apesar de ter uma brigada de emergência, o mais adequado é que essas informações estejam em vários

idiomas, para que as pessoas saibam os passos básicos que devem seguir em caso de emergência. Quanto ao ônibus urbano, os próprios passageiros e o motorista se encarregam de realizar todo esse processo, por isso as informações são mais detalhadas e também em vários idiomas.

Tanto a Foto 7, registrada no interior de um ônibus urbano, quanto a Foto 8, captada em um dos corredores do aeroporto, apresentam orientações de emergência em três línguas: português, inglês e espanhol. Na primeira, as instruções em espanhol aparecem logo após o português, seguidas pelo inglês; já na segunda, é o inglês que ocupa a posição imediatamente posterior ao português. Essa variação na organização das línguas pode estar relacionada ao perfil do público que circula por esses espaços, bem como ao papel atribuído ao inglês em função de seu valor econômico, conforme já mencionado. O aeroporto, por ser um ambiente de intensa circulação internacional, recebe um grande número de estrangeiros, para além de pessoas da fronteira e, considerando que o inglês é frequentemente concebido como língua franca global, tende a ocupar uma posição de maior destaque nesse contexto.

No caso dos ônibus urbanos, por se tratarem de um meio de transporte público utilizado sobretudo por trabalhadores e moradores em seus deslocamentos cotidianos, o espanhol parece ocupar uma posição de maior destaque em relação ao inglês. Isso pode ser explicado pelo fato de que, embora não haja um mapeamento preciso das línguas em circulação na cidade e de seus falantes, o espanhol se configura como uma das línguas mais presentes na região, em função da proximidade com Paraguai e Argentina e de uma longa história de mobilidade e migração entre esses países e o Brasil, conforme já mencionado.

Outro aspecto que pode influenciar essa representação diz respeito à própria produção dos materiais: é possível que a empresa responsável pelos adesivos defina essa organização de forma autônoma e que a operadora do transporte urbano, não priorizando uma política linguística específica, acabe por não intervir significativamente na maneira como as línguas são dispostas.

Em seguida, ainda no aeroporto, há as seguintes indicações à população:

Foto 9 – Placa de informação do aeroporto



Fonte: Dados das pesquisadoras (2024).

Como se está percebendo, quando a função das inscrições presentes no panorama linguístico é a de fornecer informações básicas e/ou turísticas, observa-se que nenhuma outra língua, além do português e do inglês, desempenha um papel de destaque. Isso se deve ao fato de o português ser a língua oficial do país e de o inglês ser amplamente reconhecido como língua de alcance global.

A Foto 10, registrada na sala de espera do aeroporto, próxima à área de desembarque de voos domésticos, mostra exatamente isso, nas informações de caráter mais específico, o espanhol está totalmente ausente. Tal ausência sugere que, nesse tipo de comunicação, a comunidade de falantes de espanhol não é considerada prioritária. A inclusão dessa imagem na análise busca evidenciar que a paisagem linguística do aeroporto segue majoritariamente essa lógica de distribuição. O espanhol aparece apenas em indicações mais gerais, como embarque/desembarque, saídas de emergência e banheiros, enquanto outras informações são veiculadas exclusivamente em português e inglês. Essa ausência do espanhol produz efeitos simbólicos de exclusão, conforme já discutido por Elana Shohamy (2006).

Além disso, os termos “embarque” e “desembarque” aparecem traduzidos para o espanhol como “partidas” e “entradas”. Embora essa escolha possa causar estranhamento, não pode ser considerada propriamente incorreta, uma vez que, assim como ocorre em outras línguas, o espanhol apresenta diversas variedades, e essa formulação pode corresponder a um de seus usos possíveis.

No caso do Terminal Rodoviário, como mostra a foto subsequente, a tradução em espanhol é diferente da utilizada no aeroporto.

Foto 10 – Entrada do Terminal Rodoviário



Fonte: Dados das pesquisadoras (2024).

Na Foto 11, registrada em uma das entradas do Terminal Rodoviário, os termos empregados são “embarque” e “desembarque”. Essa diferença de tradução entre dois espaços que desempenham funções semelhantes pode estar relacionada ao fato de que as empresas responsáveis pela produção das placas não são as mesmas, adotando, assim, escolhas terminológicas distintas, embora plenamente aceitáveis.

Na mesma imagem, observa-se ainda que tanto a placa amarela posicionada na entrada quanto a localizada ao fundo apresentam as cores amarela e azul, utilizadas para sinalizar pontos de embarque/desembarque, entradas, saídas e banheiros. Essas sinalizações evidenciam a presença e a representatividade das três línguas, que, mesmo em um espaço relativamente reduzido, distribuem-se por diferentes áreas do ambiente.

Por outro lado, as informações mais detalhadas, como aquelas referentes a bagagens e outras restrições, aparecem exclusivamente em português, conforme indicado na placa branca situada na porta de entrada, reiterando o padrão semelhante observado nas imagens anteriores.

Como foi observado, diferentemente do panorama linguístico do aeroporto, o TTU e o Terminal Rodoviário apresentam uma maior presença do espanhol, chegando, em alguns casos, a conferir-lhe mais visibilidade do que ao inglês. No TTU, por se tratar de um espaço menor, há um número reduzido de placas informativas e de proibição nas três línguas; ainda assim, elas se fazem presentes. Além disso, a

paisagem linguística desses espaços de transporte e trânsito evidencia o uso do inglês e do espanhol, especialmente em orientações de emergência,

Por fim, será apresentada uma última foto, que evidencia a presença de mais línguas:

Foto 11 – Estabelecimento comercial “Boa Viagem” Terminal Rodoviário



Fonte: Dados das pesquisadoras (2024).

Na Foto 12, registrada do lado de fora de uma loja de malas denominada “Boa Viagem”, localizada no interior do Terminal Rodoviário, observa-se a presença de uma ampla diversidade de idiomas, o que contribui para o enriquecimento da paisagem linguística desse espaço. A mesma expressão, mais especificamente, o nome do estabelecimento, aparece reproduzida em nove línguas, permitindo que o leitor, mesmo sem compreendê-las integralmente, possa reconhecê-las e estabelecer relações de sentido a partir da repetição.

Os idiomas presentes na imagem, organizados da esquerda para a direita e de cima para baixo, são: árabe, inglês, latim, francês, espanhol, italiano, chinês, alemão e português. Em razão dessa disposição dispersa e em diferentes níveis, não é possível identificar uma hierarquia clara ou uma dinâmica específica de ocupação entre as línguas. A presença desse conjunto multilíngue pode ser compreendida como uma política linguística de caráter *bottom-up*, isto é, produzida por agentes privados, em contraste com as políticas *top-down*, instituídas pelo Estado, como nomes de ruas ou sinalizações oficiais (Shohamy, 2006).

Nesse sentido, ao reconhecer a diversidade de turistas que circulam pelo local e buscando ampliar o alcance comunicativo de seu estabelecimento, o proprietário recorre às línguas que considera mais representativas no contexto da rodoviária. Trata-se, portanto, não de uma ação política oficial, mas de uma estratégia comercial: a multiplicidade de idiomas chama a atenção, pode gerar identificação com diferentes

públicos e se alinha à construção de Foz do Iguaçu como um destino turístico de alcance internacional, “Destino do mundo”, diferindo das demais placas que cumprem funções mais estritamente informativas.

Algumas considerações

Este estudo teve como objetivo analisar as línguas presentes na paisagem linguística dos cenários de transporte e trânsito de Foz do Iguaçu, buscando compreender a relação entre o status atribuído às línguas, as políticas linguísticas em funcionamento e os espaços socioculturais que elas ocupam. A análise evidenciou que, embora o município seja amplamente caracterizado como multilíngue, essa diversidade não se reflete de maneira equitativa na paisagem linguística institucional analisada.

Os dados indicam uma clara predominância de línguas hegemônicas nesses espaços, com destaque para o português, língua oficial e majoritária do país, que ocupa posição central em praticamente todos os cenários observados. Em seguida, o inglês configura-se como a língua estrangeira de maior prestígio e visibilidade, estando presente sobretudo nas placas indicativas e informativas associadas ao turismo, à mobilidade internacional e à circulação em espaços estratégicos da cidade. Tal predominância revela a atuação de políticas linguísticas de caráter *top-down*, implementadas por instâncias governamentais, que privilegiam o inglês em função de seu valor simbólico, econômico e global.

O espanhol, por sua vez, embora seja a língua historicamente mais presente na região em razão da condição fronteiriça e do intenso trânsito transfronteiriço, ocupa um lugar secundário e funcional na paisagem linguística analisada. Sua presença é mais significativa em contextos voltados à mobilidade cotidiana da população trabalhadora local e transfronteiriça, especialmente em terminais e meios de transporte urbano, o que evidencia uma distribuição desigual de *status* entre as línguas e a atribuição de funções comunicativas distintas a cada uma delas.

A pesquisa também demonstrou a ausência de uma política linguística oficial definida no município de Foz do Iguaçu, o que contribui para a manutenção de uma paisagem linguística marcada pela hegemonia e pela invisibilização de outras línguas e culturas, como as línguas indígenas e de determinados grupos migrantes. Nesse sentido, a imagem de “harmonização linguística” frequentemente veiculada pelos

discursos midiáticos não se sustenta quando confrontada com a realidade dos espaços públicos institucionais analisados.

Por fim, destaca-se que a inexistência de uma política linguística oficial não implica a ausência de políticas linguísticas em funcionamento. Conforme discutido ao longo do artigo, práticas *bottom-up*, implementadas por atores locais e agentes privados, também configuram ações glotopolíticas relevantes, ainda que restritas a espaços mais específicos e menos institucionalizados. Assim, a paisagem linguística revela-se como um espaço privilegiado de leitura das disputas simbólicas, ideológicas e econômicas que atravessam o multilinguismo urbano, reafirmando que o espaço público, longe de ser neutro, é profundamente marcado por escolhas políticas.

Referências bibliográficas

ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p. 93-116.

BERGER, Isis Ribeiro. As línguas pelas ruas da cidade: o estudo da paisagem linguística urbana em contextos plurilinguas. In: SEVERO, Cristine Gorsk (Org.). **Políticas e direitos linguísticos:** revisões teóricas, temas temáticos e propostas didáticas. Campinas/SP, Pontes Editora: 2022, p. 127-147.

CALVET, Louis-Jean. **Como políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CENOZ, Jasone; GORTER, Durk. El estúdio del paisaje lingüístico. **Hizkunea**. Faculty of Humanities (FGw), p. 1-10, 2008. Disponível em: http://hdl.handle.net/11245/1.293687. Acesso em: 31 jul. 2025.

CLEMENTE, Mariana. **Paisagem linguística urbana:** o caso de Aveiro e sua relevância educativa. Tesis de Doctorado, Programa de Estudios de Posgraduación en Educación de la Universidad de Aveiro, Portugal, 2017. Disponible en: http://hdl.handle.net/10773/22801. Acceso en: 20 feb. 2024.

CLEMENTE, Mariana. **Paisagem linguística na cidade***:* orientações e propostas educativas interdisciplinares para o 1. ° Ciclo do Ensino Básico. Aveiro, Portugal: UA Editora, 2020. Disponible en: http://hdl.handle.net/10773/28291. Acceso en: 15 mar. 2024.

GOMES, Paulo. **O lugar do olhar***:* elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GONÇALVES, D. **Plurilinguismo na Paisagem Linguística da Fronteira entre Brasil e Uruguai**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras da

Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/233742. Acesso em: 13 dez. 2024.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidades e Estados: Brasil. BRASIL. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio. Acesso em: 15 jul. 2025.

LAGARES, Xoán C. **Qual política linguística?** desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.

LANDRY, Rodrigue; BOURHIS, Richard. Paisagem linguística e vitalidade etnolinguística: um estudo empírico. Em: **Revista de Linguagem e Psicologia Social**, v. 16, n. 1, p. 23-49. 1997.

MENDONÇA, Otto. (Coord). **1º Relatório Yglota de Nacionalidades e Etnias da Região Trinacional**. Foz do Iguaçu, Intituto Yglota, 2023.

MIGRACIDADES. **Perfil de Governança Migratória Local do Município de Foz do Iguaçu**. Porto Alegre: Organização Internacional para as Migrações (OIM) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2020.

MORELLO, Rosângela (Org.). **Leis e línguas no Brasil:** O processo de cooficialização e suas potencialidades. Florianópolis: IPOL, 2015.

OLIVEIRA, Gilvan. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 52, n. 2, Campinas, p. 409-433, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132013000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 dez. 2025.

OLIVEIRA, Osmarina de. **A Desterritorialização dos Tekoha Guarani no Município de Foz do Iguaçu (PR), nas décadas de 1970-1980**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em: Acesso em: 13 dez. 2025.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística: do que se trata, afinal?. Em: NICOLAIDES, Christine; APARECIDO, Kleber; TILIO; Rogério; HILSDORF, Cláudia. **Políticas e políticas linguísticas**. Campinas SP: Pontes Editores, 2013. pág. 19-42.

SILVA, Michael. **Breve História de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Editora Epígrafe, 2014.

SHOHAMY, Elana. **Política linguística**: agendas ocultas e novas abordagens. Oxon: Routledge, 2006.